

Sustentabilidade do fogo na Tróia Amazônica

Michèle Sato

Departamento de Ensino e Organização Escolar da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e da Universidade Federal de São Carlos. Líder do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental (Brasil)

De acordo com o olhar mitológico, a alma é o fogo, ou a chama, porque o calor é necessário ao signo da vida. Muitas vezes, nossos nomes revelam a ancestralidade primitiva que habita a topografia de nossa inconsciência

(JUNG, 2005, p. 93 - tradução nossa).

Iniciamos declarando que concebemos a Educação Ambiental na justaposição surrealista entre imagens poéticas e filosóficas. Para compreender esta asseveração anterior, é preciso estabelecer que para além do produto final, os surrealistas prezam o método processual, aceitando o mistério, o inesperado e a surpresa da vida. A vitória torna-se detalhe, e a essência está na luta pela transcendência da realidade. Nossa aventura de hoje é uma pequena tragédia que faz emergir o fogo como protagonista de um enredo amazônico. O fogo sugere o desejo de mudar, de ritmar o tempo e de ir além do real. Inscritos na mitologia, o texto é um ingresso que convida a uma dança de signos e significados, e é embebedado pela linguagem musical. Com ADORNO (2002, p.29), acreditamos que a música é a “*representação imediata da lírica de Orfeu e Dionísio, tornando a violência rearranjada em visões pacifistas*”. Beethoven complementaria atestando que a música é uma filosofia mais fecunda do que qualquer outra linguagem.

É também uma tentativa de possibilitar o prazer de um texto (BARTHES, 1973), ajustando ritmos na pausa e movimento de uma caixa de ressonância que possivelmente tenha eternizado Pandora. Ou do diálogo com MAFFESOLI (1996), em

elogiar uma razão sensível da complexidade fluída, do levantar o imprevisível e de permitir que a efervescência das labaredas perceba o rumor de vidas presentes na Educação Ambiental. Embora Manoel (BARROS, 2006) afirme que o tempo não volte atrás, suas poesias relembram gosmas de lesmas e cristais em pedras remotas, e seus ancestrais possibilitam que o mato revivesse tardes de histórias reinventadas.

Assim resgatamos Chronos, Titã do tempo olímpico que governa a vida de compromissos, e que também rege as composições sinfônicas da Educação Ambiental. Os quatro elementos da água, do ar, da terra e do fogo dão movimento ao paradoxo conceito sobre a sustentabilidade, que emerge lento no adágio Vivaldiano das quatro estações, e inflama-se em andante allegro durante a *Eco92*, no Rio de Janeiro, Brasil. Na indicação da velocidade da partitura, há certo consenso, *ma non troppo*, de que a regência sobre a sustentabilidade verse sobre mudanças de vida. Com molto, o foco divide-se entre o paradoxo debate: desenvolvimento sustentável ou sociedades sustentáveis? O debate caloroso assemelha-se ao vulcão em chamas, pronto à erupção de lavas que podem queimar, ou esperançosa e surrealmente, ao invés de chamas, pode lançar uma revoada de borboletas.

Entre a cadência e o ritmo, parece que a sonoridade da Educação Ambiental

reivindica um caráter fenomenológico de *ad libitum*, ou seja, autoriza a liberdade de interpretação de seus acordes. Mais do que isso, há uma partitura ideológica com incenso de cheiro de almíscar: sutil e forte o bastante para adentrar em sensações e interpretações declaradas como uma percussão de tambores, guizos e cacarejos. A especulação do debate não garante lucidez penetrante e envolve mais uma dúvida se o pequeno sopro dado provém de uma flauta doce ou transversal. O desenvolvimento sustentável poderá ser real, entretanto, para além da realidade, talvez a Educação Ambiental possa instituir a surrealidade das sociedades sustentáveis. E isso não implica dizer que jamais conseguiremos alcançar esta surrealidade, senão viver a esperança tão intensamente para transcender a mera realidade ao mundo imanente. Ou como diria BAUDELAIRE (1995, p.64) “*sou insaciavelmente sedento do que não vejo e não defino*”. E Manoel de BARROS (2006, p. introdutória) agregaria com a frase: “*Tudo o que não invento é falso*”. Rumar ao imprevisível mistério, sem abandonar nossa capacidade de compor um surreal orgânico, emergido na indulgência que corrobora a concepção estética que se repousa no plano poético ou na série de preceitos epistemológicos da Educação Ambiental.

Por certo nosso *ad libitum* é carregado de ideologias, valores e loucuras, corroborados pela série de episódios na agenda internacional que trouxe o paradoxo

da tragédia e da comédia: por um lado, o DESENVOLVIMENTO sustentável é pauta de grandes incorporações internacionais poderosas. Por outro, a reivindicação pelas SOCIEDADES sustentáveis coaduna com os próprios princípios surrealistas em rejeitar a submissão da força dominante à busca de táticas inventivas (CERTEAU, 1988). Trata-se, também, de confrontar poderes intermináveis entre deuses e mortais, e de explorar as idéias subjacentes que ainda hoje se esparramam em suas dilacerantes confusões. Na recuperação do mito do fogo, a pretensa vontade é de criar um mar do caos, para que dele origine a vida de Gaia. É somente mais um pretexto para que a paixão pela Educação Ambiental adquira uma materialidade e se projete na dramática relação do eu poético com o outro enigmático, e de reinventar os signos para que seus significados sejam linguagens possíveis de audiência. É possível que se estabeleça aí o que BARTHES (1972, p.18) chama de duplicidade semiológica do espetáculo: *"aí se confundem signos e significados, realismo e irracionalidade"*.

Entretanto, e sobremaneira, o *ad libitum* é também uma coragem fenomenológica de lançar notas sinfônicas em melodias que estilhacem o estoque de argumentos viciados até subverter a ordem cartesiana e dizer: *"Eu sou rock and roll, por isso existo"*¹. Perder-se em labirintos junto

com Eric Clapton² e ainda assim, recusar-se a acreditar que a promessa finalizou. Acreditamos na correspondência dos signos sustentáveis e o significado das opções de vida, como a autoria de uma composição musical e sua vida, e talvez entre a criação e o delírio. E para isso, talvez o amor pela Educação Ambiental se finde somente quando o fogo deixar de arder em labaredas. Para além de vencer a realidade, ou representar uma maioria dominante, a estética da Educação Ambiental prefere a luta contra a sociedade burguesa, pautada e instituída pelos modelos de desenvolvimento, estratificando desejos e nivelando sonhos. E por isso mesmo, ultrapassa os muros da realidade para construir sociedades sustentáveis além do óbvio senso comum. MAFFESOLI (1998) faz uma epígrafe em um de seus livros, citando Atlan: *"O real não é verdadeiro, ser já o contenta"*. É um pensamento rebelde, talvez vencido antes mesmo de se consagrar como oposição. Entretanto, *"pensar é uma operação violenta, cataclísmica, da qual o suor é o menor dos signos"* (BARTHES, 1972, p.40).

Nosso *allegretto* exhibe a temporalidade e o palco amazônico, num pequeno recorte de um vilarejo chamado Guariba, localizado ao norte do estado mato-grossense, centro-oeste do Brasil. É uma porção de terra amazônica onde desenvolvemos um

1 New Power Generation, I rock, therefore I am. Warner Bros: chaos and disorder.

2 Eric Clapton, Promises. The Yardbirds: the cream of Clapton.

projeto de geração de biodiesel, gerado desde as sementes nativas, sem definir uma única espécie à gênese do produto. Através da produção de oleaginosas, que serão empregadas para obtenção de biodiesel, no marco do processo da transesterificação etílica induzida por microondas, o projeto conta com uma equipe de quatro grandes áreas: Química, Agricultura, Economia e Educação Ambiental. No rico cardápio interdisciplinar, a Educação Ambiental está sob as esteiras da invenção pedagógica, ou de uma ousada gestação antipedagógica, buscando criar oportunidades para criar a responsabilidade ambiental e simultaneamente possibilitar o empoderamento social comunitário num processo de formação educativa que escape do tradicional excludente.

O foco privilegiado é a comunidade da Reserva Extrativista (RESEX) de Guariba-Roosevelt (RESEX G&R), que se situa ao longo de dois rios que lhe deram origem do nome: Guariba e Roosevelt, na exuberância da floresta tropical Amazônica, mas que enfrenta enormes desafios sociais e ambientais. Relatórios, narrativas e a literatura revelam que a principal atividade econômica se ancora na extração de látex, castanha do Brasil e óleo de copaíba, mas com obstáculos no enfraquecimento da associação dos agricultores, precários meios de transporte e insuficiente comercialização dos produtos. Os pequenos agrupamentos familiares contam com algumas seringueiras nos quintais e

as crianças são estimuladas a iniciarem suas primeiras aventuras no mundo da borracha (SATO et al., 2004).

É na vontade de caminhar neste labirinto, talvez até se perdendo em seus mundos subterrâneos ou mosaicos desconhecidos, que a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), conjuntamente com a Eletronorte (ELN), vem buscar uma matriz energética ecologicamente cuidadosa, que promova a inovação científica e tecnológica, sem negligenciar suas responsabilidades perante a transformação social desejada. Envolvendo a dimensão ambiental amazônica da região, a identificação da matéria-prima, geração de energia, produtos e serviços, não ignora os possíveis danos sociais e impactos ambientais que se apresentarão como resíduo do processo.

Simbolicamente a energia alternativa do biodiesel representa o fogo, signo do poder. E obviamente, o roubo do fogo representa a tentativa dos mortais de furtar dos deuses o alimento que assegura a imortalidade (CAMPBELL, 1990). No plano internacional, é lançar-se contra a hegemonia do petróleo, mas no âmbito nacional, é também fazer com que a ciência tenha seu papel social significativo. Como no mito de Prometeu, a equipe do projeto biodiesel busca levar o fogo aos mortais de Guariba, revestindo-se daquilo que BACHELARD (1999, p. 3) considerava sobre um pensamento pré-científico ansioso por fornecer interpretação para os fenômenos incompreensíveis.

Paradoxalmente, a área de química faz a regência do projeto, quando eles mesmos reduziram significativamente o capítulo sobre fogo de seus currículos e partituras. “Parece-nos então, instrutivo, acompanhar a inflação deste valor fenomenológico e perceber de que modo um problema, que oprimiu durante séculos a pesquisa científica, viu-se de repente despojado sem ter sido jamais resolvido”.

O cenário amazônico é descrito por Euclides da CUNHA (2003) como selvagem, desde o ponto de vista de suas florestas até à civilização humana. Este quadro inicia nos primeiros aborígenes como os indígenas cinta-largas, pelas descobertas realizadas por Francisco ORELLANA, pelos garbosos capitães, visitas pastorais e os mais notórios cientistas. A imaginação viaja na linha do tempo, buscando compreender as frotas das canoas invadindo as terras, e junto com a própria destruição da floresta, em especial nos leitos dos rios, a habitação nos rincões solitários, com tendas suntuosas da civilização humana no meio de árvores crepitadas. Haveria ali, naquele tempo, uma sinfonia magistral de pássaros, insetos, zumbidos e borbulhar das águas, além das primeiras destruições provocadas pelo *Homo sapiens*, e lembraríamos do final da poesia de BERTOLT Brecht, imaginando a árvore tentando não se sucumbir às centelhas e faíscas dos primeiros focos de energia humana: o fogo que provocaria seu próprio desabamento.

Nas ondas sinfônicas dos mitos, as mulheres amazonas com apenas um seio não existem no imaginário popular, exceto por aqueles colonizadores que se aventuraram primordialmente em suas florestas. Todavia, as flechas estão presentes em seus arcos, simbolicamente imprimindo significados em suas lutas pela sobrevivência. Uma primeira lição mitológica nos revela que a cultura de um povo só se sustenta quando gestada pelos seus próprios desejos, e se mantém na tradição do nome, nascido, criado e ofertado pelas narrativas orais de sua gente, circunscrito em suas histórias, medos, alegrias, festejos ou significados cotidianos (BARTHES, 1972). Quando externalizado, o mito se fortalece presto como a rocha sedimentar da bacia amazônica, é aceito plenamente e incorpora-se vivace na comunidade.

Homero não precisava de nenhuma prova para estabelecer um projeto mitológico da origem da humanidade. A vida era uma coordenada da alma que necessitava do ar, do fogo, da terra e da água no movimento do tempo. Entretanto, a mítica grega foi ultrapassada pela frieza do pensamento aristotélico, até hoje aceito pela Biologia, em definir a vida como mecânica da reprodução, subsistência, crescimento e decadência. Mas há neste espaço existencialista um horizonte que também narra a permanência desta humanidade, ainda pouco conhecida que demarca os territórios de lutas que se inscreve em signos mitológicos.

Nossa odisséia percorre o território amazônico, signo do ambientalismo internacional, mas compreendemos a dificuldade em se traçar uma matriz conceitual sobre estas vastas terras ainda exuberantes do ponto de vista ecológico, mas que agregam a conflituosa influência mútua social e conjuntural. Na pedra filosófica ressignificada pelos muros de Tróia, interagem dimensões históricas, ecológicas e políticas de enorme envergadura. São notas musicais predominadas pela regência do verde, com flores amarelas na pulsação da beleza que ritmam na bandeira brasileira, mostrando que suas palavras positivistas “ordem e progresso” podem ser sucumbidas por novos acordes da circunlinearidade espaço-temporal. Para além de um modelo amazônico, desde que os paradigmas retirem a possibilidade da diversidade e do ser no mundo, é preciso construir uma política fortalecida, inclusive resgatando a sabedoria dos povos pela orquestra da democracia, ainda que muitas vezes não se possa escolher a regência ou a partitura.

Na *Iliada* amazônica, a Grécia pode ser o signo do desenvolvimento sustentável: forte, maior e quantitativamente com mais guerreiros a exemplo de Aquiles. Tróia, entretanto, agora signo de Guariba, resiste na teimosa esperança de construir sociedades sustentáveis. É possível que o presente grego circule há tempos tirano nos territórios desta fitofisionomia amazônica, e o cavalo de Tróia já esteja visando forçar

um modelo de ocupação sob o domínio e interesses do grande capital, acarretando injusta distribuição de renda e detrimento social. Para além da aventura fantástica, cada vez que os beligerantes se propõem a negociar, “*é dito que os troianos devem restituir Helena e seus tesouros*” (BRUNEL, 1998, p.440). De fato, Helena e Páris já sentiram a influência política de um amor sucumbido pesadamente nas construções de estradas, hidrelétricas ou obras de impactos tradicionalmente simbolizados pelo desenvolvimento. A Amazônia de hoje surpreende-se pela sua distração, afinal Páris saqueou bens preciosos, além de uma rainha que foi promessa sedutora de Afrodite. Os fracassos da Tróia Amazônica não demoraram a se acumular, e nas proximidades de Guariba, os disparates econômicos podem ser observados nas agrovilas ao longo da Transamazônica, ou o enorme “Polonoroeste” com financiamento do Banco Mundial que seduziu inúmeros colonos à região para simplesmente serem abandonados sem nenhuma possibilidade de vida digna.

A leitura amazônica é vasta e perder-nos-íamos nas entranhas de seus mosaicos, composições, orquestrações, ritmos e pausas de uma magistral sinfonia. E nosso interesse não é simples por acolher a dinâmica que rege a exuberância da natureza na sua dramática inserção humana. O portal de entrada encontra na polissemia energética, e o enfoque educativo conduz este horizonte narrativo, ainda em plena

construção. O que nos interessa, nesta regência andante, é o elemento fogo, brilhante como a consciência da solidão. Queremos, sobremaneira, curar o espírito na construção de felicidades, dando forças de convicção que o calor e o entusiasmo são chamas da doçura e da tortura que habitam nossos corações. *“Assim, talvez, não se tenha reparado o bastante que o fogo é muito mais um ser social do que um ser natural”* (BACHELARD, 1999, p.15).

Parece que ali a imponência dos problemas implica o discurso vagaroso das análises: às induções avantajam-se demasiado os lances da fantasia. As verdades desfecham em hipérboles. E figura-se alguma vez em idealizar aforado o que ressaí nos elementos tangíveis da realidade surpreendedora, por maneira que o sonhador mais desensofrido se encontre bem na parceria dos sábios deslumbrados (CUNHA, 2003, p.12).

Neste território geográfico de imensidão florística, acidentes geográficos, hidrografia e cenários pitorescos, a Amazônia expressa suas eloqüentes energias que modelam e transfiguram a paisagem, numa dialética de também ser transformada, transcendendo a energia natural em energia espiritual, nitidamente notada nas lutas de seus habitantes, seus desejos e hábitos de vida. Movem o mundo, e são movidos por suas forças, demonstrando a polissemia de sentidos provenientes do que compreendemos como “fogo”, ou pela pedra filosofal roubada na metáfora Kubrickiana, em 2001 odisséia no espaço³: O poder humano! Aproximando os nomes

astronômicos das crateras da lua, Tychos é a metáfora de Tróia, ambos iniciados pela letra T. O astronauta solitário é o troiano, perplexo frente ao monólito, símbolo dos muros de Tróia. Mas um signo mais iluminado provém do interior da pedra filosofal, significando Zeus, ou o Júpiter romano, senhor dos climas e atmosferas do Universo.

Embora KUBRICK favoreça o suor do ancestral humano com Richard STRAUSS⁴, na virtude e conquista do poder das ciências, que torna a cena ainda mais dramática, o monólito é o signo emprestado também à sinfonia canônica de VIVALDI⁵, onde a espécie humana descobre seu poder no pedaço de osso, facilmente transformado no poder capaz de matar. Seu sangue pulsa em veias abertas e o humanóide sente-se incompleto em suas imensidões internas. A Grécia poderá construir os muros cinza e o cavalo o procura. Porém, próximo ao abismo, ele sobrevive com os sonhos no horizonte. Projeta linhas, inscreve-se em circunferências e corre perseguindo as chamas da existência. A

3 Stanley Kubrick: 2001 odisséia no espaço. Metro Golden Mayer.

4 Richard Strauss: das ciências, Royal Philharmonic Orchestra. Assim falou Zaratustra.

5 Antonio Vivaldi: Cànone em ré maior, Royal Philharmonic Orchestra. Na tentativa de fugir o período barroco que predominava na Espanha, Cànone foi uma pedra de invenção em forma de sonata. As entradas sucessivas mascaram a forma clássica tradicional, permitindo que a passacaglia mantenha o tema fixo no baixo.

pedra filosofal do poder necessita quer quebrada e queimada, para finalmente, ressurgir em outra plenitude que não se ancore meramente no capital, mas que sobremaneira, considere as sociedades sustentáveis, instituindo também outros poderes como os sonhos e a coragem de se lutar contra aquilo que poderá ser temporariamente exótico, mas que já terá sido o óbvio⁶.

O signo do espetáculo está aberto, e para além dos ‘Yankee hollywoodianos’ (BARTHES, 1972, p.26), instaura-se a metáfora do poder, aqui simbolicamente representado pelo conhecimento e uso do fogo. No palco da tragédia, jogos ou teatros gregos, a pira olímpica ainda é o portal de entrada à disputa entre os poderes atléticos. Prometeu foi um dos únicos Titãs a ajudar a luta de Zeus contra Chronos (PHILIP, 1996), mas num ato subversivo, ele ensina a gênese do fogo aos mortais. Na fatalidade perversa que rege a humanidade, onde o erro sempre é considerado mais forte do que o perdão, e onde a hierarquia persiste fortemente, Zeus atribui um castigo eterno ao que ele chamou de traição. Prometeu é amarrado em uma rocha, imobilizado pelas correntes. Suas entranhas são dilaceradas pela águia, que as comem como se fosse um ato antropofágico da absorção da energia de uma vida por outra vida. À beira da morte, o pássaro

voa e seus tecidos são recompostos até outro acometimento da ave e assim sucessivamente pela eternidade. Seria o signo de Prometeu, a atual clonagem humana em criar vidas através de tecidos pré-existentes? Nos estudos sobre o sagrado de BRUNEL (1998) e JUNG (2005), há indicação de que o nome Prometeu resulta da personificação antropomórfica da pedra sânscrita que origina o fogo por fricção e satisfaz a idéia simbólica (previdente) e é antagônico ao nome de seu irmão Epimeteu (imprudente).

A história de Prometeu se junta à de Pandora, concebida pela ira de Zeus e criada por Hefesto para ser enviada ao ato da vingança contra os mortais criados por Prometeu. Na reflexão tardia de Epimeteu, que tomou Pandora como esposa em recomendação contrária de seu irmão Prometeu, a desgraça da humanidade estava apressadamente eminente em allegro assai. Inteligente, mas sob influência de Apolo, Pandora não tem a obediência como marca de sua personalidade. Zeus é ciente desta virtude de Pandora, e recomenda não abrir a caixa dos irmãos, no confronto da negação da linguagem, pois ele sabia antecipadamente que a caixa seria aberta. Curiosa e intempestiva, Pandora abre a caixa e permite que todos os males saiam da caixa, até hoje assombrando os mortais. Restou, no fundo de sua caixa, a única motivação que a conduz pela eternidade: a esperança.

6 Caetano VELOSO: um índio. Emi

Terá a esperança uma cor? Cartola⁷, um grande compositor brasileiro, canta:

E no canto de amor assim,
Sempre vão surgir em mim, novas fantasias,
Sinto vibrando no ar,
E sei que não é vã, a cor da esperança,
A esperança do amanhã.

A esperança tem todas as cores, sabores e odores, e circula também em Guariba, que esmagada entre a RESEX G&R e as terras de fazendeiros que destroem a floresta em nome do gado, não quer se sucumbir à inevitabilidade do duelo entre os Titãs. Itinerantes, seringueiros, madeireiros, colonos e fazendeiros confrontam-se em disputas à sobrevivência digna, nas empoeiradas ruas sem asfalto, no único posto de saúde que lida com alto índice de impaludismo dizimando parcelas da população, ou na rádio comunitária tida como melhor meio de comunicação. Se os livros didáticos são condenados pelo seu uso excessivo, há ainda, o cenário das escolas rurais sem nenhum tipo de material educativo, com classes multisseriadas e professores sem adequada formação, e de estudantes que possuem cadernos sem folhas para anotar uma lição ofertada na construção e no desejo impetuoso de compreender o mundo das letras. A leitura do mundo é realizada por casamentos consangüíneos entre pais e filhas, e uma menina de apenas 3 anos lida com um facão sem temer que o corte da mandioca

sangre suas pequeninas mãos. Pulsa, em cada casebre, coração e força do trabalho, a esperança em se ter, minimamente, uma vida digna.

A Tróia Amazônica carrega enorme quantidade de matéria e energia pelas águas, e o cenário humano parece também ser destrutivo. Como a Tróia contemporânea com muralhas em ruínas, *“o que ali está sob o disfarce das matas é uma ruína”* (CUNHA, 2003, p.6). Em Guariba, há uma moldura circundante dos agentes externos entre os quais os dois grandes rios, GUARIBA e ROOSEVELT, imprimem os acidentes naturais, simultaneamente, suaviza a condição de existência. A visão de esperança entrelaçada com a destruição transfigura num emaranhado de condições difíceis de serem compreendidas, desafiando a proposição da própria dignidade humana encerrada como meta primordial do projeto biodiesel.

Sobem, velozes, o rio; descarregam, precipitadamente, em vários pontos as mercadorias consignadas; carregam-se de borracha; e tornam logo, precipites, águasabaixo, fugindo. Eláseficam, longos meses - esperando a outra enchente, ou o inesperado de um “repique” propício, inverando paradoxalmente sob as soalheiras caniculares - nas mais curiosas situações: ora em pleno rio, agarradas pelos centenares de braços das árvores secas, que as imobilizam; ora a meio da barranca, onde as surpreendeu a vazante, grosseiramente especadas, encombentes, com as proas afocinhando, inclinadas, em riscos permanentes de queda em plena entrada da mata majestosa (Cunha, 2003, p.18).

7 Cartola, a cor da esperança. Copacabana discos: raízes da mangueira.

Uma pergunta se apresenta como fio condutor às proposições da Educação Ambiental: “O que deseja os habitantes de Guariba?”. As interpretações fenomenológicas acerca das percepções sobre meio ambiente e sustentabilidade, com especial ênfase à dimensão energética, marcam estruturalmente o encontro dos moradores com o mundo enquanto fenômeno. Representam, assim, a própria constituição no mundo, aceitando que ele deriva deles mesmos, como um artefato próprio. Guariba, de certa forma, nos precede e determina nosso aparelho perceptivo, este último, contudo, não se dobra à sua objetividade: organiza-o, nomiza-o, transporta-o em linguagem, o configura, para que possamos lhe atribuir um sentido. Chamamos ‘mundo’ não o que ele é em si, mas aquilo que nele dizemos para que ele exista/seja para nós (PASSOS, 2003).

A trilogia fenomenológica do eu-outro-mundo demarca as características geográficas e biológicas de Guariba, e fortemente evidencia que sua cultura dinamiza o ambiente - e vice-versa. BENJAMIN (2006) revelou seus desejos por alucinógenos em um de seus textos surrealistas. Recentemente, uma publicação narra sua ousadia em desafiar as poderosas leis farmacológicas, experimentando haxixe para finalmente clamar que os alucinógenos não distorcem seus pensamentos e percepções. Seus experimentos des-velam que a subjetividade da existência histórica e

cultural resiste à bioquímica. Em Guariba, possivelmente o desejo da mudança se expressa no fogo de embriaguez, e “a conquista do supérfluo produz uma excitação espiritual maior que a conquista do necessário” (BACHELARD, 1999, p. 25). Afinal, os habitantes de Guariba se percebem como criação do desejo e não do consumo. E, portanto, ainda que não expressem oralmente, torna-se perceptível os desejos pelas sociedades sustentáveis, contra a sedução dos bens materiais que o desenvolvimento sustentável possa acenar.

Para além das duvidosas orientações do desenvolvimento sustentável, a noção de sociedades sustentáveis aproximou-se da cidadania. Entre os ensaios, afinação dos instrumentos, regência, partitura e a apresentação da orquestra, a apresentação é sempre inacabada. Nossa incompletude pode revelar o quanto ainda temos que aprender, mas evidencia a transcendência da consciência, através do reconhecimento que a vida é mutante e que os sujeitos se transformam. “Se o fenômeno há de se mostrar transcendente, é preciso que o próprio sujeito transcenda a aparição rumo à série total da qual ela faz parte” (SARTRE, 1997, p. 17).

São percepções disformes, todavia, abrindo-se na incerteza de desarranjos musicais indesejados na sinfonia interpretativa, como uma música inacabada que não consegue ser orquestrada, porque

lhes faltam as notas que lhes representem sua existência. O devaneio é dramático, entretanto consegue unir as esperanças do mundo à esperança pessoal, como uma pequena lareira ao imperial vulcão. Uma fagulha incide no desejo de BENJAMIN (2006), que o mundo pode ser o mesmo, mas alguém sempre terá paciência. *“O cáldo bem-estar do amor físico deve ter valorizado as experiências primitivas. Para inflamar um pedaço de pau esfregando-o na ranhura da madeira seca, é preciso paciência. Foi talvez neste devaneio que o homem aprendeu a cantar”* (BACHELARD, 1999, p.43).

Porém Chronos não é benevolente aos projetos de pesquisa de uma equipe universitária. É bem verdade que temos consciência de que os frutos de nossos desejos não serão evidenciados ao término de 2 ou 3 anos, como ações de um convênio de uma academia e companhia elétrica. Estabelece-se o grande desafio de permitir que os membros da comunidade sejam autônomos no gerenciamento e destino da produção do biodiesel, mas igualmente, também poderão ser sucumbidos ao processo político perverso testemunhado nas políticas públicas desta Nação. Não temos, assim, resposta à chamada ‘sustentabilidade’, senão arriscar-se na aventura de transcender as mazelas sócio-ambientais e ousar o sobrevôo à liberdade. São cartografias de um desejo pulsantes não apenas no interior de um projeto de pesquisa, mas

que contemplam um projeto de vida e que aguardam a ancoragem em territórios e espaços das identidades de um povo que vive na floresta.

Assim talvez sejam homens, mulheres e crianças de Guariba, na reação da temperatura e umidade que abatem o trabalho e a sobrevivência da tensão arterial. Mesmo que por segundos, talvez, consigam arrancar as válvulas, a eminência da fadiga mórbida da malária e a melancólica existência, aprisionando a felicidade contra o isolamento, inscrevendo-a numa espiral de esperanças. Do contrário, as narrativas desta gente não apontariam que Guariba “é o melhor lugar do mundo” para seus habitantes. Com ou sem alucinógenos, compreendemos que mesmo com tantas disparidades, Guariba tem o seu direito à felicidade. É como deixar a emoção fluir na regência de Arias, onde Bach tem o dom de roubar palavras, permitindo que o inefável voe nas notas musicais.

A Tróia Amazônica, enfim, não é uma região brasileira à margem da história, muito menos um filme de ficção que estabelece a territorialidade. É em feito de imigração telúrica, na mistura orquestral de civilização humana inscrita na regência da natureza. A Educação Ambiental perspectivada nestas sinfonias quer desvelar algumas incógnitas de um território ainda em marcha, compondo as notas musicais que recusam ser esquecidas. No arranjo do concerto, às margens dos

rios amazônicos, as vozes dos pássaros se combinam aos humanos, permitindo perceber que a Amazônia não é este vasto quintal sem limites, de apenas um mosaico de florestas selvagens, mas que contém detalhes singulares e histórias a serem narradas, na restauração das identidades de seus povos.

O projeto busca uma releitura identitária do mito Prometeu, permitindo que floresça um ser que desafiou os poderes, contra a perspectiva da decadente condição de vítima. Uma considerável ampliação do mito poderá celebrar a grandeza do ser humano, não mais de um deus, mas de um Prometeu iniciador de uma nova civilização, das artes e das técnicas. O Titã do fogo poderá sair de sua condição de vítima indefesa, pois foi o germe do segredo que permitirá ameaçar Zeus a um dia ser mortal, quicá pela esperança de Pandora que consiga dividir o poder do fogo, eliminado o grande abismo que segrega os deuses reais (desenvolvimento sustentável) e os mortais surreais (sociedades sustentáveis). A esperança do fogo é revolucionária, porque gerida no interior de cada coração, seja de ira, seja de luxúria, pode tornar o sonho mais forte que a realidade. É possível afirmar, assim, que a equipe do projeto busque curar o espírito arrancando as seguranças de posses, bens e ideários burgueses para que o calor entusiasme a inclusão social com proteção ecológica.

A volubilidade do fogo pode contagiar o humano, mas estamos cientes “*que o amor por si só não suscita amor*” (ALCOFORADO, 1988, p. 52). Na Tróia Amazônica, é preciso zombar da pirofera e tentar encontrar pistas na base do diálogo entre o conhecimento empírico e o acadêmico. Entretanto, é preciso saber desobedecer engenhosamente o engessamento científico, roubando os fósforos dos deuses para dividir o poder do fogo entre os mortais. É necessário aguçar o espírito incendiário e incitar a labareda de mudanças. No espetáculo da fogueira, a chama não é fechada, sua condição etérea esparrama-se em praias, barreiras ou ilhas, e até mesmo nas “*florestas e igapós estirando-se a perder de vista pelos horizontes vazios. Os cenários invariáveis no espaço, transmudam-se no tempo*” (CUNHA, 2003, p. 10).

Para além da aceitação passiva do castigo de Zeus, acreditamos poder realizar novas leituras e interpretações, invertendo as hegemonias dominantes para estudar e concretizar inescrupulosamente aquilo o que primeiramente se sonhou. Para os cartesianos, a luta poderá ser facilmente vencida. Contudo inscrevemo-nos na região surrealista do sonho, ou no ensaio da experiência de Tristan Tzara, acreditando que o devaneio é capaz de transmudar as energias mutantes. Na incorporação fenomenológica do fogo, estamos convictos que a sustentabilidade amazônica consiste em decompor o poder

em partes mais justas, possibilitando a felicidade do outro, além da nossa própria. “Há, assim, uma alteridade nos gozos mais egoístas” (Bachelard, 1999, p. 161). Na dialética das ambigüidades, a liberdade aprisiona a voz de Prometeu no canto do ritmo e da pausa, sustentando a audiência de que a esperança de Pandora ainda é a hipótese científica que nos movimenta à desejada reprodução do fogo de mudanças.

O amor é o fogo que arde sem se ver.
É ferida que dói e não se sente.
É um contentamento descontente.
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer.
É solitário andar por entre a gente.
É um não contentar-se de contente.
É cuidar que se ganha em se perder.
(Renato Russo, *Monte Castelo*)

Bibliografia

- ADORNO, Theodor (2002). *The culture industry*. New York: Routledge.
- ALCOFORADO, Mariana (1988). *Cartas Portuguesas*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- BACHELARD, Gaston (1999). *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes.
- BARROS, Manoel (2006). *Memórias inventadas - a segunda infância*. São Paulo: Planeta do Brasil.
- BARTHES, Roland (1972). *Mythologies*. New York: Hill & Wang.
- BARTHES, Roland (1973). *Le plaisir du texte*. Paris: Édition du Seil.
- BAUDELAIRE, Charles (1995). *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- BENJAMIN, Walter (2006). *On hashish*. Cambridge: Belcknap of Harvard Press.
- BRUNEL, Pierre (1998). *Dicionário de mitos literários*. Brasília: UnB & Rio de Janeiro: José Olympio.
- CAMPBELL, Joseph (1990). *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena.
- CERTEAU, Michel (1988). *The practice of everyday life*. Los Angeles: University of Califórnia.
- CUNHA, Euclides (2003). *À margem da história*. São Paulo: Literatura Brasileira, REVIC, v.2 [CD-ROM].
- JUNG, Carl (2005). *The nature writings - the nature has a soul*. Berkeley: North Atlantic Books, edited by M. Sanini.
- MAFFESOLI, Michel (1998). *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes.
- PASSOS, Luiz A (2003). *Educação, cultura e currículo*. São Paulo: 544f. – Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Currículo, PUC-SP.
- PHILIP, Neil (1996). *O livro ilustrado dos mitos*. São Paulo: Marco Zero.
- SATO, Michèle et al (2004). *Ética na pesquisa contemporânea de energia*. In: ZAKRZEVSKI, Sônia; BARCELOS, Valdo (Orgs.) *Educação AmbientaleCompromissoSocial–Pensamentos e Ações*. Erechim: URI, p.251-263.
- SARTRE, Jean-Paul (1997). *O ser e o nada - ensaio da ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes.

